

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CAMPUS CURITIBA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA NO ENFRENTAMENTO DA  
VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

**ZILÁ FERREIRA DIAS GONÇALVES DOS SANTOS**

**REDE DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE  
RISCO PARA A VIOLÊNCIA: O SENTIMENTO DE PROFISSIONAIS QUE  
TRABALHAM EM UMA REDE LOCAL DE CURITIBA**

**CURITIBA**

**2010**

**ZILÁ FERREIRA DIAS GONÇALVES DOS SANTOS**

**REDE DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE  
RISCO PARA A VIOLÊNCIA: SENTIMENTO DE PROFISSIONAIS QUE  
TRABALHAM EM UMA REDE LOCAL DE CURITIBA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Metodologia no Enfrentamento da Violência contra Crianças e Adolescentes, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista

Orientadora: Professora Zely Batista  
Barbosa

**CURITIBA**

**2010**

**ZILÁ FERREIRA DIAS GONÇALVES DOS SANTOS**

**REDE DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE  
RISCO PARA A VIOLÊNCIA: SENTIMENTO DE PROFISSIONAIS QUE  
TRABALHAM EM UMA REDE LOCAL DE CURITIBA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Metodologia no Enfrentamento da Violência contra Crianças e Adolescentes, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**REDE DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA: SENTIMENTO DE PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM EM UMA REDE LOCAL DE CURITIBA**

**NETWORK PROTECTION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS AT RISK OF VIOLENCE: A SENSE OF PROFESSIONALS WHO WORK IN A LOCAL NETWORK OF CURITIBA**

Zilá Ferreira Dias Gonçalves dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:**

O presente estudo tem como objetivo mostrar a magnitude da violência contra crianças e adolescentes na cidade de Curitiba, capital do Paraná. Visando compreender o fenômeno da violência contra as crianças e adolescentes optamos como metodologia o estudo de caso, que realizou-se em uma Rede Local de Proteção à Crianças e Adolescentes em Situação de Risco à Violência. Primeiramente realizamos levantamento de dados secundários de publicações anteriores de informações da Rede de Proteção. Posteriormente realizamos uma pesquisa qualitativa na Rede Local de Proteção das Unidades de Saúde Trindade e Trindade II da Regional do Cajuru. Para coleta de dados recorremos ao grupo focal. O desenvolvimento desta pesquisa demonstrou que em Curitiba a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é a mais prevalente, no tipo: negligência. Esta tipologia foi a mais notificada, seguida pela violência física e em seguida pela sexual. Os pais (mães e pais) são os agressores que aparecem na maioria das ocorrências. Quanto ao sentimento dos participantes da Rede Local, constata-se que eles sentem-se cobrados como responsáveis tanto para representar sua instituição como pela resolução do problema. Vêm o problema violência como estrutural, histórico e macro e que a violência contra crianças e adolescentes é um recorte dessa violência.

**Palavras-chave:** Violência contra crianças e adolescentes. Rede de proteção. Grupo focal

**Abstract:**

This study aimed to demonstrate the magnitude of violence against children and adolescents in the city of Curitiba, capital of Paraná, and also make a case study in a Local Area Network for the Protection of Children and Adolescents at Risk of Violence. The methodology used was survey of secondary data from previous publicized information from the Protection Network, later made a qualitative study on the Local Network of Health Units Trindade I and Trindade II From Cajuru Regional, using focus group methodology. It can be seen that in Curitiba interfamilial violence against children and adolescents is the most prevalent, negligence is the most notified kind of violence, followed by physical and sexual. Parents are the aggressors that appear in most instances. As for the feeling of the participants of the Local Network, it appears that they feel responsible both to represent their institution as the resolution of the problem. They see violence as a structural, and historical and that macro problem, when it's against children and adolescents is a part of this violence. As the result, he will come over time, but requires a greater engagement of all persons and institutions.

**Key-words:** Violence against children and adolescents. Protection network. Focus group

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo científico é fruto de pesquisa quantitativa em dados secundários da Rede de Proteção de Curitiba e qualitativa com coleta de dados primários em uma das Redes Locais de Proteção à criança e ao Adolescente em risco para a Violência na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

A Violência contra Crianças e Adolescentes é um fato que pode ser confirmado no dia a dia das pessoas através de notícias em jornais, telejornais e revistas, ou mesmo quando se observam o relacionamento dos adultos com crianças e adolescentes, e até mesmo crianças com crianças. Segundo Cunha<sup>1</sup> existe a crença de que a criança é um ser que necessita de castigos físicos para aprender. Segundo Wolfe (1988, apud CUNHA<sup>2</sup>, 2009) já em 1860 o médico francês Ambroise Tardieu, realizou estudos de 32 casos sendo 18 óbitos de crianças submetidas a agressões pelos pais e desenvolveu o conceito de criança maltratada, mas, em se tratando de história, só a bem pouco tempo esse tema vem sendo estudado e debatido como um problema a ser enfrentado.

Ações de prevenção à violência contra crianças e adolescentes vêm sendo implantadas em todo o território nacional, e em Curitiba, uma das estratégias adotadas foi a implantação da Rede de Proteção à Criança e Adolescente em Situação de Risco para a Violência. Essa rede funciona em todo o território da cidade e somente é possível pelo envolvimento das diversas estruturas que trabalham com crianças e adolescentes do município.

A Rede de Proteção além de ser uma estratégia para a prevenção de violência e proteção da criança e adolescente é também uma nova forma de trabalhar em rede, estimulando a intersetorialidade e o uso de todas as potencialidades dos serviços disponíveis na comunidade, evitando a duplicidade de ações e principalmente promovendo a conversa entre os diversos órgãos da Prefeitura, Escolas Estaduais e Organizações que trabalham com crianças e adolescentes nos diversos territórios do município (CURITIBA, 2008).

Visando maior conhecimento a respeito do processo de constituição da rede de proteção serão trazidos alguns fatos do histórico de sua construção considerados marcos significativos para o desenvolvimento da Rede de Proteção: 1998 e 1999 elaboração do projeto, em 2000 o início da implantação da rede em uma Regional

Administrativa (capacitação dos profissionais e instituição da notificação obrigatória), 2005 sua inclusão no Plano de Governo Municipal, 2006 incorporação de novos parceiros, 2007 implantação formal do sistema de monitoramento e acompanhamento dos casos notificados e reincidentes, 2008 terceira edição do Protocolo da Rede de Proteção (CURITIBA, 2008).

O trabalho na Rede de Proteção é realizado pelos profissionais que atendem e trabalham com crianças e adolescentes por meio das notificações de suspeita ou confirmação de violência contra as crianças e adolescentes, e também pelas pessoas que se reúnem e discutem os casos notificados nas redes locais, procurando dar os encaminhamentos necessários. Além dessa instancia local ainda existem as coordenações regionais e a coordenação municipal da rede. Então: toda notificação é enviada para a coordenação regional e desta para a municipal, retornando para a rede local onde trabalham os profissionais diretamente envolvidos com as crianças, adolescentes e famílias. A rede local que é a operacional (MURARO et al, 2008).

O trabalho com famílias com histórias de violência, é muitas vezes frustrante, pois, o profissional se depara com problemas em que, a resolução, foge da sua governabilidade. Como o problema da violência é grave e muito prevalente, o desgaste emocional dos envolvidos deve ser considerado e trabalhado para que isso não leve a proposta ao fracasso.

Levando em consideração o exposto acima, essa pesquisa teve o propósito de mostrar a magnitude do problema violência contra criança e adolescente na cidade de Curitiba e também ouvir os profissionais envolvidos com a Rede de Proteção Local da Unidade Municipal de Saúde Trindade e Unidade Municipal de Saúde Trindade II, que fica na Regional do Cajuru. Ao escutar os envolvidos entender seus sentimentos, angústias e anseios, então poder apontar caminhos, ou minimamente mostrar a realidade vivenciada por quem está diretamente envolvido com as pessoas que sofrem ou praticam a violência.

Existem lacunas na literatura a respeito do quão desgastante é o trabalho com famílias de risco à violência, e mesmo o quão difícil é o enfrentamento dessa situação, pois muitas das ações necessárias fogem da governabilidade do nível local.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência em todas as suas manifestações não é recente, segundo Day et al (2003) o ser humano necessita de subjugar, ou até mesmo aniquilar o oponente, o mesmo autor afirma que o respeito ao inimigo vem somente da necessidade de utilizar a vítima para seus propósitos. Esse instinto de disputa que torna o ser humano bélico, aliado aos mitos que a criança é um ser malvado e necessita ser corrigido através de castigos físicos (CUNHA<sup>1</sup>, 2009), faz com que se legitime um comportamento agressivo para a educação de crianças e adolescentes. E existem também as violências externas à família que as crianças e adolescentes vivenciam no cotidiano como dos colegas de escola, vizinhos, professores, e outros envolvidos em seu dia a dia. Segundo Brito et al (2005) desde a década de 1970 a violência é apontada no Brasil como uma das principais causas de morbi-mortalidade, essa temática vai progressivamente deixando de ser considerada um problema exclusivo da área social e jurídica e passa a também ser incluída na saúde pública.

Essa preocupação, ou seja, esse entendimento da violência como um problema a ser enfrentado vem mobilizando diversos estudiosos a se debruçar sobre o tema e encontrar maneiras de ter um impacto positivo, respeitando as diferenças de cenários e comunidades atendidas (SALIBA et al, 2007; BRITO et al, 2005; GOMES et al, 2002; NJAINE et al, 2007; BERGAMASCHI et al, 2007; MURARO et al, 2008).

Em Curitiba uma das ações desenvolvidas no enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes foi a criação da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em situação de risco para a Violência. Foi criada em 2000 e vem desenvolvendo um trabalho em rede articulado e intersetorial. Com a Rede de Proteção foi instituída a notificação obrigatória dos casos suspeitos ou confirmados de violência contra criança e adolescente. Além da notificação são desencadeadas ações no território de moradia da vítima e também atenção à família e agressor. Com essas ações objetiva-se a prevenção de novas ocorrências e também minimizar as sequelas do ocorrido (MURARO et al, 2008).

Segundo o Protocolo da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência (MURARO et al, 2008), o objetivo geral da Rede de Proteção é “Contribuir de forma integrada, para a redução da violência contra a

criança e o adolescente em Curitiba, principalmente no que se refere à violência doméstica/intrafamiliar e sexual” e os os objetivos específicos da Rede de Proteção de Curitiba são os seguintes:

1. Tornar visível a violência que se pratica contra crianças e adolescentes, estimulando a notificação dos casos.
2. Capacitar os profissionais para a percepção da violência e para o desenvolvimento do trabalho integrado e intersetorial.
3. Oferecer às vítimas, aos autores da violência e às famílias o atendimento necessário para ajudar na superação das condições geradoras de violência, bem como de suas sequelas.
4. Diminuir a reincidência da violência pelo acompanhamento e monitoramento dos casos.
5. Desenvolver ações voltadas para a prevenção da violência, com o desenvolvimento da comunidade (MURARO et al, 2008).

O foco principal de atuação da Rede de Proteção é a violência intrafamiliar visto ser a mais prevalente e também a violência sexual, em Curitiba, segundo o relatório de notificações da Rede em 2009, 84,1% das ocorrências foram de violência intrafamiliar e quanto a violência sexual representou um total de 11,7% das notificações (MURARO et al, 2010).

Segundo Day et al (2003) entende-se por violência intrafamiliar:

”toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família, Pode ser cometida dentro ou fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue. O termo doméstico incluiria pessoas que convivem no ambiente familiar, como empregados, agregados e visitantes esporádicos.”

No nível local a Rede de Proteção é composta por um coordenador eleito pelo grupo e representantes dos equipamentos públicos existentes no território da área de abrangência de uma Unidade Municipal de Saúde. Todos os profissionais que trabalham nos equipamentos são notificadores, mas os casos são discutidos mensalmente nas reuniões da rede local e dados os encaminhamentos necessários (MURARO et al, 2008). Segundo Saliba et al (2007) existe uma falha na formação dos profissionais de saúde com relação a atenção à violência, então quando do atendimento, em muitos casos encontram-se despreparados para oferecer uma atenção que tenha impacto efetivo à saúde das vítimas.

Nesse contexto é prática na Rede de Proteção a sensibilização de todos os profissionais envolvidos, não somente os da saúde, e também capacitação técnica

para reconhecer os sinais de violência e dar segurança aos envolvidos no processo, para que notifiquem e acompanhem as famílias (MURARO et al, 2008).

## MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo, que aconteceu em duas etapas, sendo a primeira que teve como objetivo mostrar a magnitude do problema violência contra crianças e adolescentes na cidade de Curitiba Paraná, e a segunda que teve o objetivo de entender e classificar os sentimentos e angústias que vivem os profissionais diretamente envolvidos com o trabalho em uma Rede Local de Proteção à Violência contra Crianças e Adolescentes.

Para atingir o primeiro objetivo: explicitar a magnitude do problema Violência contra Criança e Adolescente na cidade de Curitiba, foi considerado os dados quantitativos expressos e publicados no Relatório da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência, Curitiba, 2009 (MURARO, 2010). As variáveis estudadas foram: Quantas ocorrências; Tipo de violência; Natureza da violência; Faixa Etária; Sexo das pessoas envolvidas, tanto agressoras quanto agredidas. Com isso foram montados gráficos e quadros para melhor entendimento da magnitude do problema. Posteriormente foi realizado um estudo de caso através do desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, com a metodologia de grupo focal. O grupo de pessoas que participa da Rede Local de Proteção à Violência contra Crianças e Adolescentes das Unidades de Saúde Trindade e Trindade II foi convidado a participar de forma voluntária e assinou o termo de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados se deu na reunião ordinária da referida Rede Local de Proteção, com todos os seus componentes que aceitaram participar. A Rede Local é composta por profissionais que trabalham em instituições do território que atendem crianças e adolescentes. Essa que fez parte do estudo estavam presentes representantes das duas Unidades de Saúde a Trindade e a Trindade II, dos Centros Municipais de Educação Infantil Autódromo e Osny Dacol, do Centro de Educação Infantil Vicentino (Creche Comunitária), do Lar Moisés, da Escola Municipal Lineu, do Conselho Tutelar e da Fundação de Ação Social. A discussão foi norteada por um roteiro pré estabelecido, que consta como apêndice desse trabalho e foi filmada e gravada. A pesquisadora se fez acompanhar por uma

segunda pessoa que teve como função fazer anotações sobre as falas e também a gravação e filmagem do encontro.

Segundo Minayo (2008) o Grupo Focal é uma técnica de coleta de dados em metodologia qualitativa que se constitui em entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos, a discussão não deve passar de uma hora a uma hora e meia. Para serem bem sucedidos precisam ser bem planejados, pois visam obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso ou explicitar divergências. A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral ao específico. O moderador deverá possibilitar a participação e o ponto de vista de todos e de cada um. Segundo Krueger (1988, apud MINAYO, 2008, p. 271) o principal valor dessa técnica está na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Patton (2002, apud FLICK, 2009, p.181) vê a entrevista tipo grupo focal como uma técnica qualitativa de coleta de dados altamente eficaz, a qual fornece alguns controles de qualidade sobre a coleta de dados: “Os participantes tendem a controlar e a contrabalancear uns aos outros, o que, em geral, elimina opiniões falsas ou radicais. A extensão à qual exista uma opinião relativamente consistente sendo compartilhada pode ser rapidamente avaliada”. Ele também cita alguns pontos fracos do método como, por exemplo, o número limitado de questões com as quais é possível lidar e os problemas com as anotações, e sugere que sejam usadas duplas de entrevistadores, onde um fica responsável pelos registros e o outro para administrar a entrevista. Então, segundo Flick (2009), as principais vantagens das entrevistas de grupo são o seu baixo custo e a sua riqueza de dados, ao fato de estimularem os respondentes e auxiliarem-nos a lembrar de acontecimentos, e à capacidade de irem além dos limites das respostas de um único entrevistado.

Depois da coleta de dados em grupo focal, o material foi transcrito da exata forma como foi dito e então analisado, usando como metodologia de análise a “Hermenêutica Dialética”.

Segundo Minayo (2009) a Hermenêutica é a arte de compreender os textos. A abordagem temporal é o presente, e para Gadamer (1999, apud MINAYO, 2009, p. 329) “compreender jamais é apenas um comportamento subjetivo frente ao objeto dado, pois esse movimento pertence ao ser daquilo que é compreendido”.

Compreensão é, em princípio, entendimento e compreender significa entender-se uns aos outros. Essa compreensão tem como ponto de partida o interior da fala. E como ponto de chegada o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala. O processo de compreender é sempre mover-se do todo às partes, ou seja, do geral para o individual, num círculo; e é essencial o constante retorno do todo às partes e vice-versa. A autora entende que os resultados de uma pesquisa em ciências sociais constituem-se sempre uma aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a nenhum dado de pesquisa.

Para Stein (1987, apud MINAYO, 2009, p. 343) o movimento hermenêutico-dialético significa um esforço de proteger não só o objeto das ciências sociais, mas os próprios procedimentos científicos contra as ameaças da selvagem atomização dos procedimentos do conhecimento. O casamento das duas abordagens é fecundo na condução do processo, ao mesmo tempo compreensivo e crítico de estudo da realidade social.

Segundo Deslandes (1994) os passos para operacionalização da interpretação são os seguintes:

a – Ordenação dos Dados: Mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo.

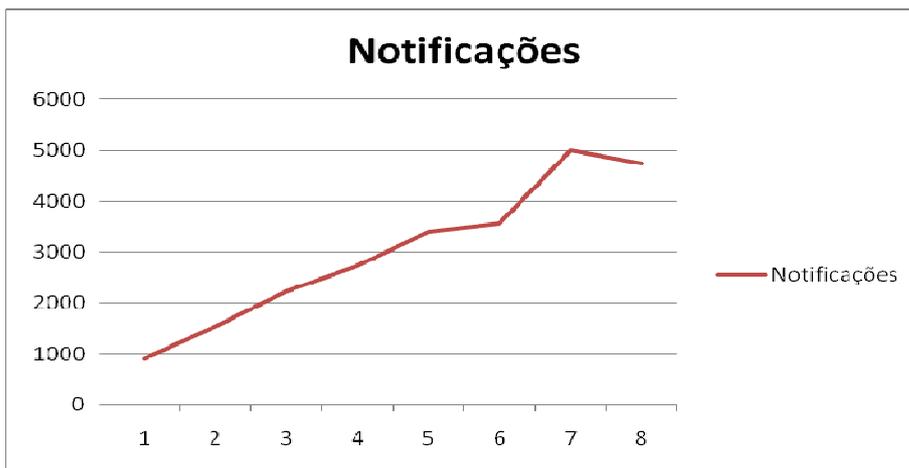
b – Classificação dos Dados: Nessa fase é importante termos em mente que o dado não existe por si só. Ele é construído a partir de questionamento que fazemos sobre eles, com base numa fundamentação teórica. É nessa fase que elaboramos as categorias específicas.

c – Análise Final: Nesse momento procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões com base em seus objetivos. Assim promovemos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática.

## RESULTADOS

Os dados retirados do Relatório da Rede de Proteção de Curitiba do ano de 2009, escrito por Muraro et al, serão mostrados e discutidos através de gráficos e quadros a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição da série histórica do número de notificações realizadas de 2002 a 2009, na Rede de Proteção de Curitiba, 2009.

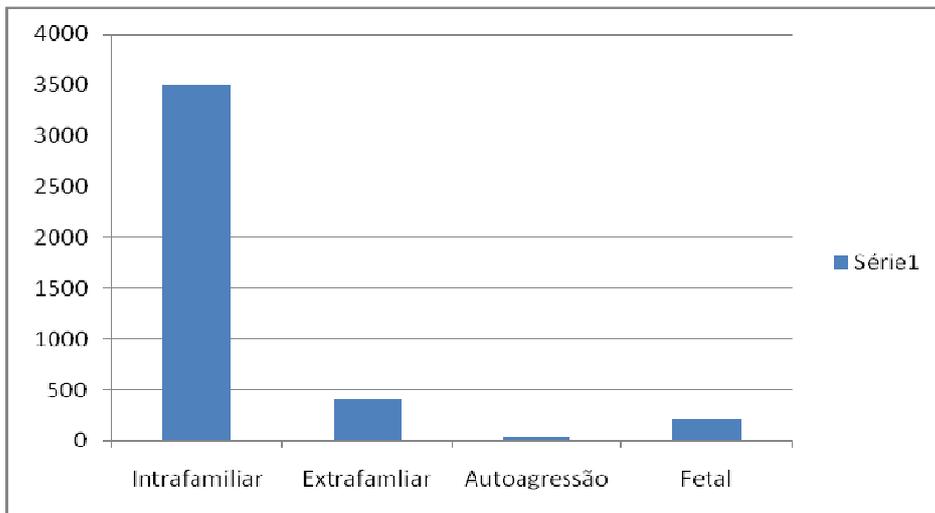


Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

No gráfico 1 podemos observar que as notificações de violência vêm aumentando ano a ano desde a implantação da notificação obrigatória em 2002 (915 notificações), com exceção do ano de 2009 (4735 notificações) que houve um decréscimo em relação à 2008 (5003 notificações). Esse pode ser um indicativo que Curitiba vem trabalhando com as instituições que atendem crianças e adolescentes a necessidade de notificação da violência. Somente com a notificação e construção de um retrato da realidade é que se pode implantar medidas de prevenção e combate a violência que seja realmente efetivo.

Do número total de notificações de 2009, 88,5% são de moradores da cidade de Curitiba num total de 4190, as outras são da região metropolitana 10,4%, do restante do estado do Paraná 1% e de outros estados 0,1%. Para as próximas informações estaremos levando em consideração somente às notificações da cidade de Curitiba, portanto o 100% passa a ser 4190 notificações.

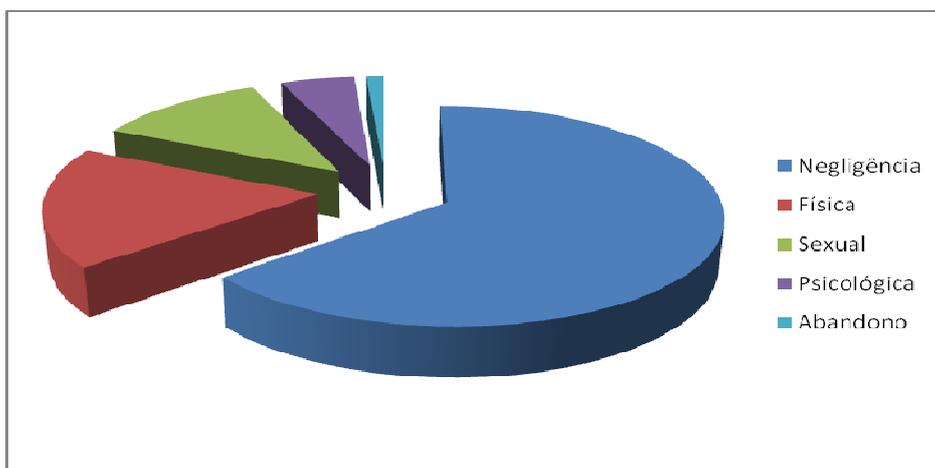
Gráfico 2 - Distribuição do número de notificações segundo o tipo de violência, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

No gráfico 2 podemos ver que quanto ao Tipo de Violência em 2009, 3500 (84,1%) das crianças e adolescentes notificados de Curitiba sofreram violência Intrafamiliar, as outras modalidades de violências notificadas foram extrafamiliar 408 notificações (9,7%), autoagressão 41 notificações (1%) e Fetal 216 notificações (5,2%), sendo que em 0,6% ou 25 notificações não teve registrado o tipo de agressão.

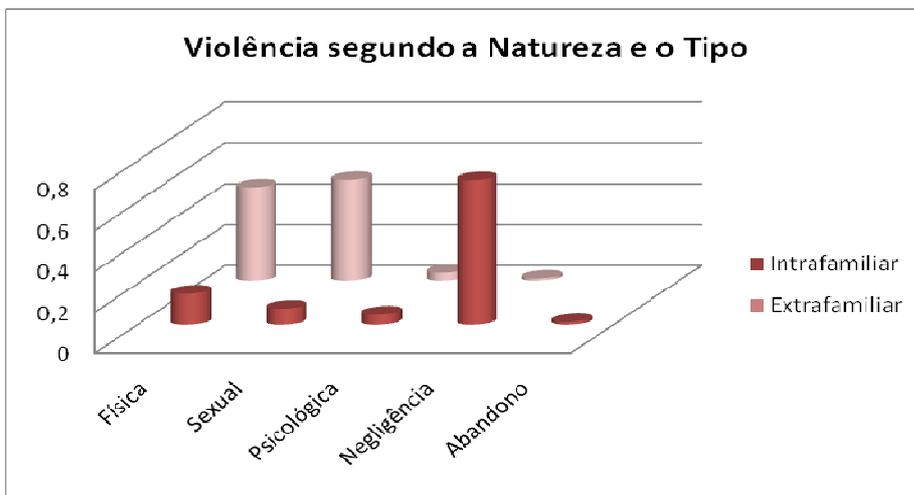
Gráfico 3 – Distribuição do número de notificações segundo a natureza da violência, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

O gráfico 3 traz a distribuição da violência com relação a Natureza da agressão. Podemos observar que a negligência é a que ocorreu em 64% dos casos com 2682 notificações, em seguida vem a violência física em 18,1% com um montante de 757 casos, a violência sexual contribuiu com 11,7% com 491 notificações, a psicológica em 5,1% com 212 notificações e por último o abandono com 1,1% e 48 casos.

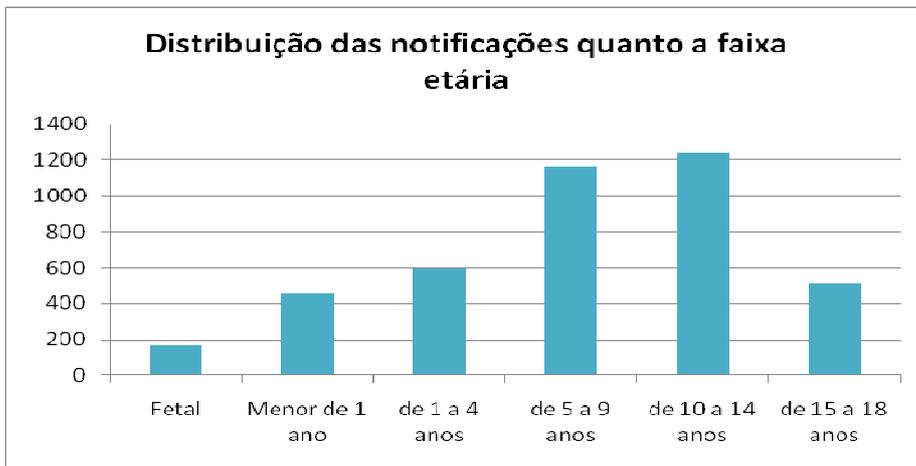
Gráfico 4 – distribuição do número das notificações segundo a natureza e o tipo de violência, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

O gráfico 4 mostra o cruzamento de dados levando-se em consideração o tipo e natureza da violência observamos que em Curitiba no ano de 2009 entre as ocorrências extrafamiliares 49,3% foram de violência sexual, seguido da violência física com 45,6%, a psicológica com 3,9% e a negligência com 1,2%. Já com relação à violência intrafamiliar a negligência encontra-se como a mais prevalente com 70,6%, seguida da física com 15,2%, a sexual com 7,8%, a psicológica com 5% e por fim o abandono com 1,4% dos casos notificados.

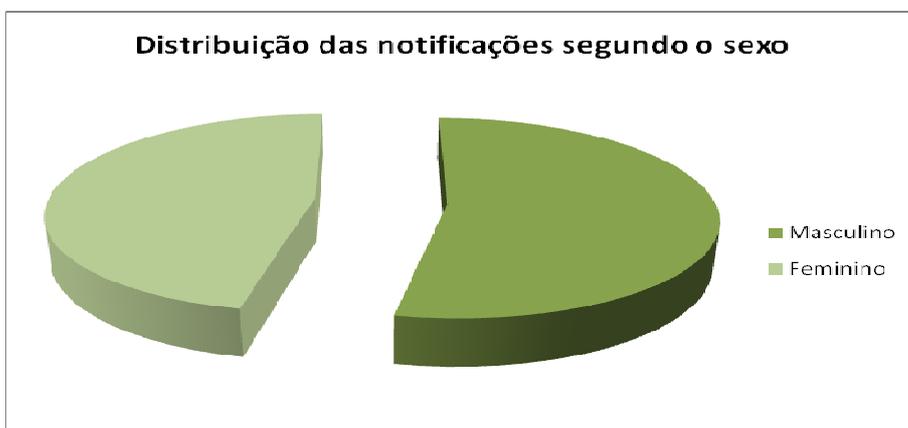
Gráfico 5 – Distribuição do número das notificações com relação a idade da vítima, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

O relatório da Rede de Proteção de Curitiba do ano de 2009 usa a idade e o sexo como formas de caracterização da criança e do adolescente vítima de violência notificado. O gráfico 5 mostra a distribuição dos dados disponíveis no relatório da Rede de Proteção de Curitiba que diz respeito a idade dos vitimados. Ficou distribuída da seguinte forma: Fetal ou antes de nascer (são violências ocorridas à criança ainda no ventre materno) 4,1% com 168 notificações, menores de um ano 11% com 452 notificações, de um a quatro anos 14,4% com 595 notificações, de cinco a nove anos 28,2% com 1163 notificações, de dez a quatorze anos 30% com 1239 notificações, de quinze a dezoito anos 12,3% com 509 notificações.

Gráfico 6 – Distribuição do número das notificações segundo o sexo da vítima, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

Continuando a caracterização da criança e adolescente notificado o gráfico 6 mostra a distribuição em relação ao sexo. Em 53,3% das notificações foram para o sexo masculino totalizando 2107 notificações enquanto no sexo feminino foram 1846 notificações contribuindo com 46,7%.

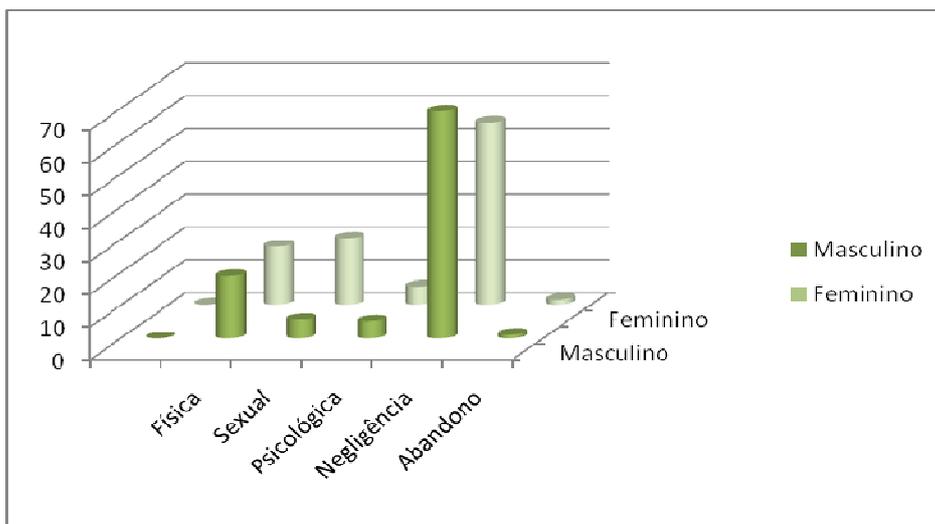
Quadro 1 – Número e percentual de notificações segundo o tipo de violência e o sexo, Curitiba, 2009.

TIPO DE VIOLÊNCIA	SEXO					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>INTRAFAMILIAR</b>	1897	90,3	1583	86,6	3480	88,6
<b>EXTRAFAMILIAR</b>	193	9,2	214	11,7	407	10,4
<b>AUTOAGRESSÃO</b>	10	0,5	31	1,7	41	1
<b>TOTAL</b>	<b>2100</b>	<b>100</b>	<b>1828</b>	<b>100</b>	<b>3928</b>	<b>100</b>

Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

O quadro 1 mostra o cruzamento do sexo com o tipo de violência podemos constatar que na violência intrafamiliar não existe diferença significativa com entre os sexos, ficando no masculino 90,3% e no feminino 86,6%, mas na extrafamiliar o sexo feminino é que tem um número maior de vítimas.

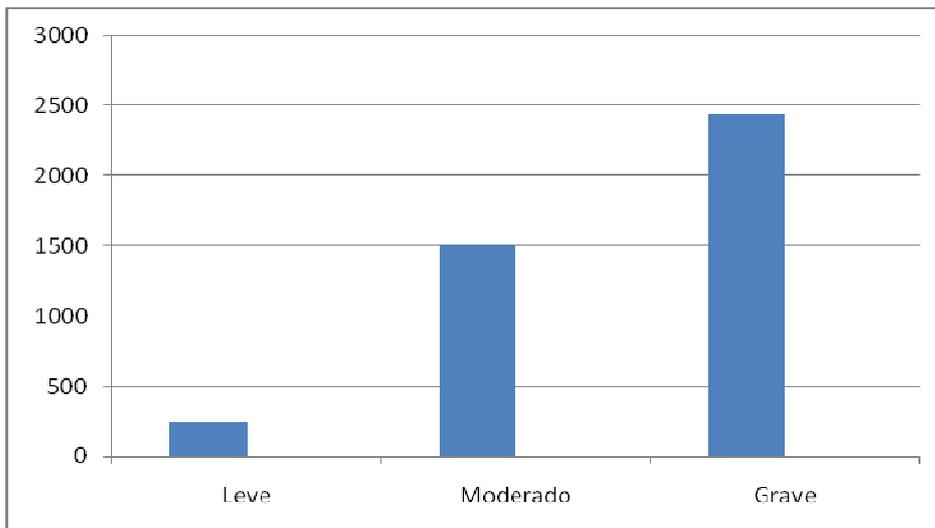
Gráfico 7 – Distribuição percentual segundo a natureza da violência e o sexo, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

No gráfico 7 cruzamos os dados de sexo dos sujeitos da pesquisa com a natureza da violência com isso podemos constatar que a negligência é a mais prevalente em ambos os sexos, sendo que o masculino é o mais agredido apesar da pequena diferença entre os sexos, já com relação a violência sexual é o sexo feminino o mais agredido e com uma grande diferença.

Gráfico 8 – Distribuição do número das notificações segundo o nível de gravidade da violência, Curitiba, 2009.



Fonte: Relatório da Rede de Proteção (MURARO et al, 2010).

No gráfico 8 analisamos as notificações com vistas ao nível de gravidade da violência e constatamos que a violência considerada como grave é a mais prevalente, seguido da violência moderada e por último a leve. A Rede de Proteção propõe que o nível de gravidade seja avaliado levando-se em consideração o tipo de violência, estado geral da vítima, o agressor e a condição que a família tem para agir visando à proteção da criança ou adolescente. Mas na prática ainda se preenche esse campo da notificação muito subjetivamente e varia de notificador para notificador.

Quadro 2 – Número e percentual de notificações intrafamiliar de residentes em Curitiba segundo o autor da violência e a natureza da violência. Curitiba, 2009.

NATUREZA DA VIOLÊNCIA											
AUTOR DA VIOLÊNCIA	NEGLIGÊNCIA		FÍSICA		SEXUAL		PSICOLÓGICA		ABANDONO		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<b>MÃE</b>	1387	57,1	191	37,5	2	0,8	51	29,6	36	78,3	<b>1667</b>
<b>PAIS</b>	678	27,9	28	5,6	1	0,4	23	13,3	4	8,7	<b>734</b>
<b>PAI</b>	216	8,9	152	29,9	62	24,5	66	38,3	5	10,9	<b>501</b>
<b>PADRASTO</b>	14	0,5	49	9,6	68	26,9	11	6,4			<b>142</b>
<b>AVÔ(A)</b>	74	3,1	14	2,7	21	8,3	2	1,2			<b>111</b>
<b>TIO(A)</b>	16	0,7	18	3,6	41	16,2	7	4,1			<b>82</b>
<b>IRMÃO(Ã)</b>	11	0,5	21	4,1	20	7,9	3	1,7			<b>55</b>
<b>MARIDO</b>			19	3,7	1	0,4	1	0,6			<b>21</b>
<b>OUTROS*</b>	31	1,3	17	3,3	37	14,6	8	4,8	1	2,1	<b>94</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2427</b>	<b>100</b>	<b>509</b>	<b>100</b>	<b>253</b>	<b>100</b>	<b>172</b>	<b>100</b>	<b>46</b>	<b>100</b>	<b>3407</b>

Fonte: Relatório da Rede de Proteção. Em 93 notificações (2,7%) não houve o registro do autor da violência. \*Outros: babá, conhecido, cunhado, funcionário de instituição, madrasta, madrinha, primo, própria vítima, responsável legal e vizinho (MURARO et al, 2010).

Levando-se em consideração somente a violência intrafamiliar, que pelos dados do Relatório da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência de Curitiba em 2009, foi a mais prevalente, podemos constatar que o autor da agressão muda dependendo da natureza da agressão. Sendo que na Negligência a mãe aparece em maior número das notificações com 57,1% das notificações, seguido dos pais com 27,9% e depois o pai com 8,9%. Na violência física temos que a mãe agride em 37,5% das notificações, o pai em 29,9% e o padrasto em 9,6% das notificações. Quanto a violência sexual o padrasto aparece como o que mais agride com 26,9% das notificações, seguido pelo pai com 24,5%, então pelo tio ou tia com 16,2% das notificações. Já na violência Psicológica o pai é o maior agressor com 38,3 %, seguido pela mãe com 29,6%, e em terceiro lugar temos os pais com 13,3% das notificações. Os dados completos sobre o agressor da violência intrafamiliar com relação à natureza pode ser observado no quadro 2.

Após estudarmos esses dados que quantifica e qualifica a violência contra criança e adolescente em Curitiba, mostraremos o resultado da coleta de dados primários realizada na Rede Local de Proteção situada no território das Unidades de Saúde Trindade e Trindade II, na Regional do Cajuru região leste da cidade de Curitiba.

O início da discussão no grupo focal foi com relação a como é ser um representante de uma entidade (Escola, Unidade de Saúde, Centro Municipal de Educação Infantil, CRAS, Conselho Tutelar, entre outros) na rede de proteção local. O sentimento que as pessoas demonstraram foi de grande responsabilidade por sentir-se cobrado pela equipe tanto a condução como a resolução das situações de violência que ocorrem. Também que há uma expectativa das equipes que os representantes da rede é que têm o papel de resolução dos problemas de violência, e o não entendimento por parte de todos que a rede de proteção é construída com a participação das pessoas, de todas as pessoas e não somente dos representantes dos equipamentos na rede. Outro sentimento relatado é que é manifestado pelas pessoas, principalmente pelos que não são representantes da rede de proteção é que a rede de proteção não funciona, pois a solução dos problemas nem sempre é alcançada na forma e no tempo que as pessoas esperam. Algumas falas que representam essas interpretações são as seguintes:

“...Para tudo vão te procurar... a cobrança dos colegas vai em cima de você... o que vocês resolveram?...”

“... As pessoas não entendem que a rede não é uma reunião mas uma articulação que precisa acontecer permanentemente... as pessoas se excluem e dizem a rede são vocês...”

“... a cinco anos o que mais escuto a rede não funciona...”

“... acham que quem está aqui na rede e o próprio Conselho Tutelar tem que dar conta, tem que resolver... ah vocês vão tanto nessa rede e não resolvem nada...”

No decorrer da discussão surgiu a fala sobre os treinamentos e sensibilizações que a rede de proteção promove para que mais pessoas se vinculem à rede e trabalhe em prol de diminuição da violência. O que foi relatado é que apesar de os treinamentos serem montados para diversos públicos, por exemplo desde para pessoas que não conhecem a rede até para os que já participam a

grande tempo da mesma, nem sempre o nível local encaminha os profissionais ou mesmo quando encaminha não necessariamente segue a mesma lógica do nível regional ou central da rede, e em alguns casos os profissionais não são liberados para o treinamentos, os motivos apresentados foram que as pessoas não se dispõem a ir, ou que a equipe é pequena e não pode se dispor do funcionário para o treinamento. E também outro assunto abordado se na visão deles o treinamento aumentaria a capilaridade da rede melhorando seu impacto. Quanto a isso a maioria concorda que a educação é ponto chave para que melhore a situação de violência, principalmente a educação formal, mas também os processos de sensibilização e capacitação, mas que somente o indivíduo ele não tem governabilidade sobre o problema, e também estando dentro de uma instituição ele está sobre as regras dessa instituição, então deve ter mais que a sensibilização das pessoas a priorização por parte das instituições colocando a violência contra crianças e adolescentes como uma prioridade de fato e não somente no discurso. Algumas falas que mostram esses sentimentos são:

“... treinamento básico a regional privilegia os novos e mais aprofundados os já da rede, mas nos locais nem sempre é essa lógica...”

“... ninguém do nível local quer ir nas capacitações... já é a 4ª ou 5ª parceira que eu tento arrastar para a rede...”

“... existe o curso mas a equipe não é liberada... a equipe é pequena – trazer alguém aqui para conhecer não dá, é complicado...”

“... não passa só pelo indivíduo, pela subjetividade de uma pessoa que compreendeu... não é suficiente passar pela nossa razão... necessita envolvimento da instituição...”

“... há que ter um envolvimento maior para que a instituição e as pessoas priorizem a rede, não só no discurso...”

Com relação ao sentimento de pertencer à rede de proteção, de estar envolvido tão de perto a um problema de tamanha magnitude, são os mais diversos, como por exemplo os sentimento de responsabilidade, compromisso, companheirismo, afetividade, angústia, impotência, apoio e esperança. Todos esses

sentimentos aparecem em diversas falas e manifestações durante toda discussão do grupo, são exemplo as frases a seguir:

“... é muita responsabilidade para uma única pessoa para um fator, um fenômeno e que ele é grave e diz respeito a toda uma estrutura...”

“... é muito angustiante ver e saber das crianças agredidas e não conseguir impacto imediato, a questão legislativa, não consigo resolver, reverter esse quadro, é muito difícil...”

“... eu acho que à partir daqui podem estar acontecendo mudanças e essas mudanças vão ser para melhor. Eu ainda tenho muita fé...”

“... são coisas muito grave que a rede acaba tendo que lidar e a gente não está dando conta disso...”

“... responsabilidade, compromisso, as pessoas não querem isso...”

“... a rede, é aqui que a gente troca...”

“... e eu acredito muito também que quem sabe daqui a 10, ou 15 anos a gente possa realmente quebrar essa cultura...”

O problema da violência é visto pelos participantes do grupo como um problema sistêmico e de grande magnitude, sendo que a violência contra crianças e adolescentes é um recorte desse problema maior, também que por ser cultural e vivido a muitas gerações a sua resolução não está na governabilidade somente das pessoas que trabalham a nível local, ou das instituições da comunidade, que há necessidade de um engajamento maior, que é trabalho do dia a dia dos profissionais do nível local, mas que existe a necessidade de ações mais abrangente. Eles reconhecem que já houve mudanças, mas essa mudança é lenta para o tamanho do sofrimento que essas vítimas de violência vivenciam.

“... o problema maior a gente não resolve...”

“... há uma determinação do ponto de vista institucional de que a rede é uma prioridade que ela está tratando de criança e adolescente vítima de violência... um fenômeno e que ele é grave e diz respeito a toda uma estrutura...”

“... esse problema crônico que está a tanto tempo instalado em sua família que a própria família já acha que aquele problema é seu lhe pertence, e não tem condição de ter outro olhar...”

“... a gente tenta lidar com o recorte dessa violência e esse recorte ele é um recorte e não toda a violência, mas ele vem como expressão de uma violência maior...”

“... isso está incrustado na sociedade, isto está, é crônico entre nós, não só nos outros, mas em nós de que o grito e o palavrão são formas de resolver, então isso é mais difícil de lidar...”

“... dessa questão cultural mesmo em relação a violência que a gente aprendeu com os pais que aprenderam com os avós que se educa batendo, daí a gente cresceu e começou a estudar e começou a perceber, epa não bem assim...”

“... a questão é que essa criança essa adolescente ele faz parte de uma cultura dentro de um lugar onde a violência é uma forma de resolver sempre as coisas. Então ele faz o que? ele reproduz tudo isso...”

“... você não vê caminho, não vê saída, tem os filhos, não vê saída, o salário mínimo é 510, muitas vezes não tem casa, aí já tem que ir para as invasões, e lá nas invasões tem os traficantes, o cara está desesperado da vida ele vai caí no mundo errado mesmo, e daí ele não tem saída, entrou nisso aí acabou a vida dele...”

Outro ponto abordado na discussão com o grupo da rede local de proteção das Unidades de Saúde Trindade e Trindade II foi o papel dos pais na questão da violência, como eles vêem o sentimento desses pais, que muitas vezes são os agressores. Um sentimento é que eles somente conhecem o limite através da violência, foi assim que foram educados, então eles agredem, muitas vezes pensando estar fazendo um bem ao filho, outras vezes eles ensinam os filhos a bater, por entender que se eles não baterem apanharão mais nas ruas, ou por vezes sentem-se impotentes pelas restrições impostas pelas leis que lhes dizem que não podem mais bater nos filhos, então não conhecem outra forma de impor limites. Vão de um extremo ao outro, ou agredem ou não impõem limite algum, sendo que nenhuma dessas posições é saudável para o filho e nem para a família em si.

“... a senhora é mãe o senhor é pai e o poder está com vocês dentro da família de dizer não, de não ser permissivo... a dificuldade é você por limite sem agredir...”

“... a violência é uma resposta que as famílias dão para os seus problemas... a violência de um modo geral é banal hoje...”

“... o difícil é a gente penetrar nessas famílias porque eles acreditam que estão fazendo a coisa certa...”

“... e a gente que trabalha com educação infantil a gente vê isso lá, porque tem criança de 2, 3 anos que agride como adulto e é a forma de defesa dele que está trazendo de dentro de casa, e o pai, ele incentiva... o pai diz – ‘eu falo para ele se bater bata também’...”

Na presente pesquisa fica claro que as pessoas que estão envolvidas com a rede local de proteção convivem no seu cotidiano com a violência, entendem que a violência contra crianças e adolescentes é um recorte de uma situação macro que tem determinantes sociais que fogem de sua governabilidade. Ao mesmo tempo são cobrados de seus colegas a resolução desse problema macro, e também sentem-se cobrados por si mesmo, pois o sofrimento dos vitimados é extremo e vivido no dia a dia de trabalho dessas pessoas. Com relação às ações implantadas pela rede, e também pela legislação, elas pensam que estão sendo efetivas, mas que o resultado é para longo prazo. Sentem que a rede de proteção é um caminho certo, mas que necessita ainda o engajamento de mais pessoas e um posicionamento institucional mais firme, reafirmando a rede de proteção como uma prioridade. E o entendimento que a rede de proteção somos todos nós trabalhando com o objetivo de diminuir, ou quem sabe, eliminar a violência contra criança e adolescente em nossa sociedade.

## ANÁLISE CONCLUSIVA

Os achados no estudo de caso do grupo de pessoas participantes da Rede Local de Proteção das Unidades de Saúde Trindade e Trindade II coincidem com os achados de Algeri e Souza (2006), tanto no que diz respeito a magnitude do problema, da repetição da violência através das gerações, também da família

agredir como forma de dar limites entendendo que está fazendo o certo, quanto da vivência que ocorre na infância sendo reproduzida na idade adulta.

Quanto a magnitude do problema os dados do presente estudo difere dos encontrados por Brito et al (2005), pois em Curitiba a natureza mais prevalente foi a negligência, seguida pela física, a sexual, então a psicológica. Sendo que no estudo de Brito et al (2005) a mais prevalente foi a física, seguida da negligência, então a psicológica e por fim a sexual. Outra divergência é quanto ao sexo das vítimas, sendo que no estudo de Brito et al (2005) as crianças do sexo feminino são submetidas a situações de violência com mais frequência que as do sexo masculino. No presente estudo o dado se inverte, apresentando mais notificações de vítimas do sexo masculino. Os dois estudos diferem também na população estudada, pois o estudo de Brito et al (2005) tem como população, a atendida pelo Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (CRAMI) da cidade de São José do Rio Preto, estado de São Paulo. E os dados do presente estudo dizem respeito a todas as notificações da Rede de Proteção da cidade de Curitiba, então o universo da pesquisa são os moradores da cidade de Curitiba.

A estratégia usada por Curitiba para o enfrentamento da Violência contra Crianças e Adolescentes com a construção de Rede de Proteção onde a intenção é envolver todas as pessoas que trabalham com crianças e adolescentes, criando uma articulação entre os diversos setores e construindo um sistema de notificação e trabalho interdisciplinar, é ratificado como mais efetivo pela revisão de literatura feita por Scherer e Scherer (2000).

A literatura consultada mostra que o trabalho em rede é mais efetivo para impactar problemas estruturais de maior magnitude, e que então adotar essa estratégia para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes em uma cidade é uma atitude acertada. Porém o presente estudo mostra que as pessoas que estão envolvidas diretamente na rede local, sendo representantes de suas instituições, carregam um peso grande de responsabilidades e cobranças. A explicação pode estar no não envolvimento de todos no trabalho, pois entendem que a rede é composta somente de seus representantes. O entendimento que todos fazem parte da rede ainda não se encontra consolidado.

As pessoas relatam já estar vendo mudanças com relação à violência, mas, mesmo eles, que estão diretamente envolvidos no trabalho com as famílias,

esperam um impacto maior somente para daqui a dez ou quinze anos, e isso ainda dependente de outras intervenções que fogem da governabilidade do nível local, como melhoria na condição social, diminuição do uso de drogas e melhoria da escolaridade.

Serão necessários novos estudos para que essa realidade fique melhor explicada e também para que sejam apontados novos caminhos para a diminuição da violência contra crianças e adolescentes na cidade de Curitiba.

### 3 REFERÊNCIAS

ALGERI, Simone; SOUZA, Luccas Mello de. **Violência Contra Crianças e Adolescentes: Um Desafio no Cotidiano da Equipe de Enfermagem**. Ver. Latino-am Enfermagem 2006 julho-agosto; 14(4). Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/pt\\_v14n4a23.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/pt_v14n4a23.pdf) > acesso em 11 out. 2010.

BERGAMASCHI, João Paulo Machado et al. **Análise das fraturas diafisárias do fêmur em crianças menores de 3 anos de idade**. Acta Ortopédica Brasileira. São Paulo, 2007;15(2): 72-75. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/aob/v15n2/v15n2a02.pdf> > acesso em 07 ago. 2010.

BRITO, Ana Maria M. et al. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção**. São Paulo. Ciência & Saúde Coletiva, 2005, 10(1):143-149. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a15v10n1.pdf> > Acesso em 08 ago. 2010

CUNHA, Maria Leonina Couto. **Compreendendo o Fenômeno da Violência: Desconstruindo Mitos**. Curitiba: PUC Web, 2009.

CUNHA, Maria Leonina Couto. **Violência Doméstica contra Crianças e adolescentes: modalidade física: Marco científico e conceitual**. Curitiba: PUCweb, 2009.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Saúde. **Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco a Violência**. Curitiba, 2008. Disponível em: < [http://sitesms.curitiba.pr.gov.br/saude/areastematicas/saude\\_crianca/Rede%20de%20Prote%20E7%E3o%202008.pdf](http://sitesms.curitiba.pr.gov.br/saude/areastematicas/saude_crianca/Rede%20de%20Prote%20E7%E3o%202008.pdf) > acesso em 07 ago. 2010.

DAY, Vivian Peres et al. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações.** Rev Psiquiatr Rio Gd Sul. 2003;25(Supl 1): 9-21. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1.pdf> > acesso em 08 ago. 2010.

GOMES, Romeu et al. **A abordagem dos maus-tratos contra a criança e o adolescente em uma unidade pública de saúde.** São Paulo. Ciência & Saúde Coletiva, 2002, 7 (2):275-283. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v7n2/10247.pdf> > acesso em 12 jul. 2010.

MURARO, Heidi Martha Soeder et al. **Protocolo da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência.** Curitiba: Secretaria Municipal de Saúde, 2008.

MURARO, Hedi Martha Soeder et al. **Relatório de Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência Curitiba 2009.** Curitiba. Secretaria Municipal de Saúde, 2010. Disponível em: < [http://sitesms.curitiba.pr.gov.br/saude/areastematicas/saude\\_crianca/RELATORIOPERFILREDE2009.pdf](http://sitesms.curitiba.pr.gov.br/saude/areastematicas/saude_crianca/RELATORIOPERFILREDE2009.pdf) > acesso em 07 ago. 2010.

NJAINE, Kathie et al. **Redes de prevenção à violência: da utopia a ação.** São Paulo. Ciência & Saúde Coletiva, 2007, 11(Sup):1313-1322. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a20v11s0.pdf> > acesso em 12 jul. 2010.

SALIBA, Orlando et al. **Responsabilidade do profissional de saúde sobre a notificação de casos de violência doméstica.** São Paulo: Rev Saúde Pública, 2007;41(3):472-7. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n3/5805.pdf> > acesso em 12 jul. 2010.

SCHERER, Edson Arthur; SCHERER, Zeyne Alves Pires. **A criança maltratada: uma revisão de literatura.** Rev.latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.8, n.4, p. 22-29, agosto 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n4/12380.pdf> > acesso em 12 jul. 2010.

## **APÊNDICE**

### **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ CAMPUS CURITIBA**

#### **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

#### **ZILÁ FERREIRA DIAS GONÇALVES DOS SANTOS**

#### **REDE DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA: O SENTIMENTO DE PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM EM UMA REDE LOCAL DE CURITIBA**

#### **ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL**

1. Apresentar o objetivo da pesquisa, mostrando como cada um e o grupo pode ajudar na obtenção desse objetivo.
2. Solicitar que todos que concordarem em participar assine o consentimento livre e esclarecido.
3. Começar a discussão propriamente dita:
  - Como vocês se sentem representando seus equipamentos na Rede de Proteção?
  - Como são cobrados com relação a resolução das situações notificadas na Rede?
  - Como é vivenciar as situações de violência, discuti-las e trabalhar com as famílias?
  - Quais são seus sentimentos com relação ao futuro da Rede?